

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

EMANOELY SANTOS DE ABREU

A ATEMPORALIDADE NOS CONTOS “MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS” E “A HISTORIADORA OBSTINADA”: representações do trauma colonial através da literatura contemporânea

RIO DE JANEIRO

2023

EMANOELY SANTOS DE ABREU

A ATEMPORALIDADE NOS CONTOS “MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS” E “A HISTORIADORA OBSTINADA”: representações do trauma colonial através da literatura contemporânea

Monografia, apresentada à banca examinadora da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Espanhol

Orientadora: Vanessa Ribeiro Teixeira

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Al62a Abreu, Emanoely Santos de
A ATEMPORALIDADE NOS CONTOS "MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA
DOS SANTOS" E "A HISTORIADORA OBSTINADA":
representações do trauma colonial através da literatura
contemporânea / Emanoely Santos de Abreu. -- Rio de
Janeiro, 2023.
36 f.

Orientadora: Vanessa Ribeiro Teixeira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de
Letras, Licenciado em Letras: Português Espanhol,
2023.

1. Literatura. 2. Atemporalidade. 3.
Subalternidade. 4. Colonialidade. I. Teixeira, Vanessa
Ribeiro, orient. II. Título.

EMANOELY SANTOS DE ABREU

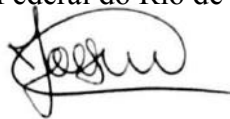
A ATEMPORALIDADE NOS CONTOS “MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS” E “A HISTORIADORA OBSTINADA”: representações do trauma colonial através da literatura contemporânea

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Espanhol.

Aprovada em: 17/11/2023



Prof.^a Vanessa Ribeiro Teixeira, Dra.
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof. João Victor Sanches da Matta Machado, Dr.
Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre me guardar e me guiar pelo melhor caminho. Aos meus pais, Mauro e Elisangela, que sempre prezaram pela minha educação, pelo amor incondicional direcionado à mim. Aos meus irmãos Mayara, Vinícius e Cayo, que sempre me colocaram para cima, mesmo sem saber. Ao meu noivo, João Vitor, que esteve comigo durante os piores momentos, sem nunca largar minha mão e acreditando sempre em mim. À minha orientadora Vanessa Teixeira, pela paciência, compreensão e, acima de tudo, por acreditar no meu trabalho. À minha psicóloga, Cristiane Brandão, um agradecimento especial por ter me ajudado tanto em períodos em que eu não conseguia ver a luz. Por último, agradeço à minha filha canina Gaia Maria, que me salvou e me salva todos os dias.

RESUMO

A comparação literária entre os contos “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, de Conceição Evaristo, e “A historiadora obstinada”, de Chimamanda Ngozi Adichie, ocorre através da atemporalidade presente, tanto no período colonial quanto na diáspora negra, tendo como norteadores os livros *Pele negra, máscara branca* (2008); de Frantz Fanon, e *Memórias da Plantação - Episódios do racismo cotidiano* (2019), de Grada Kilomba. Ambos os contos perpassam por temas como a subjetividade, subalternidade, racismo genderizado, colonialismo, trauma e reencontro com seu *eu*, que são essenciais para o presente estudo. Ainda, os contos são protagonizados por mulheres negras que têm suas trajetórias marcadas pela atemporalidade do racismo. Enquanto Maria do Rosário, protagonista do conto de Evaristo, se vê atravessada pelo *trauma individual e colonial* quando é raptada por um casal estrangeiro em um cenário contemporâneo, Nwamgba, protagonista do conto de Adichie, vivencia a chegada do homem branco e as missões cristãs em seu clã enquanto tem que enfrentar os problemas familiares causados pelos primos de seu falecido marido e a criação de seu único filho homem em um passado colonial. A comparação é feita utilizando trechos dos próprios contos estudados, assim como por passagens de livros de autores como, além de Fanon e Kilomba, Paul Gilroy, Renate Zahar, Kabengele Munanga e Fátima Lima.

Palavras-chave: Literatura; Atemporalidade; Subalternidade; Colonialidade.

ABSTRACT

The literary comparison between the tales "Maria do Rosário Imaculada dos Santos", by Conceição Evaristo, and "The obstinate historian", by Chimamanda Ngozi Adichie, happens through the present atemporality, in the colonial period as much as in the black diaspora, with the books *Pele negra, máscara branca* (2008); by Frantz Fanon, and *Memórias da Plantação - Episódios do racismo cotidiano* (2019), by Grada Kilomba. Both stories permeate themes such as subjectivity, subalternity, gendered racism, colonialism, trauma and reunion with *yourself*, which are essential to the present study. In addition, the stories are starred by black women who have their trajectories marked by the atemporality of racism. While Maria do Rosário, protagonist of the tale of Evaristo, is crossed by *individual trauma* and *colonial trauma* when she's kidnapped by a foreign couple in a contemporary setting, Nwamgba, protagonist of the tale of Adichie, experiences the arrival of the white man and the Christian missions in her clan while having to face the family problems caused by the cousins of her late husband while raising her only son in a colonial past. The comparison is made using excerpts from the tales studied, as well as passages from books by authors such as Fanon and Kilomba, Paul Gilroy, Renate Zahar, Kabengele Munanga and Fátima Lima.

Keywords: Literature; Atemporality; Subalternity; Coloniality.

Sumário

1. Introdução	8
2. A atemporalidade nos contos de Evaristo e Adichie	11
2.1 Sobre os contos	11
2.1.1 As diferenças	13
2.1.2 As semelhanças	14
2.2 A (a)temporalidade em Fanon	16
2.3 A atemporalidade em Kilomba	19
2.4 A atemporalidade e o trauma colonial nos contos “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” e “A historiadora obstinada”	23
2.4.1 O silenciamento da subalterna	24
2.4.2 O catolicismo e o apagamento cultural através da linguagem	27
2.4.3 A troca do Navio pelo Jipe	30
2.4.4 O reencontro com o eu através dos nomes	33
3. Conclusão	36
4. Referências bibliográficas	37

1. Introdução

A escolha de um conto presente no livro de Conceição Evaristo se deu através da primeira leitura. A possibilidade de trabalhar com a Literatura Afro-brasileira por meio dessa autora tão importante, que revela voz de personagens – e pessoas – que vivem na ausência e na inexistência, pareceu o mais adequado a ser feito. O livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, reúne, em treze contos, histórias de diferentes mulheres negras brasileiras que contam suas histórias de vida a uma narradora-personagem que deseja revelar-lhes, expondo as vivências e dores que as encaminham a suas superações. Cada conto é intitulado com o nome de sua personagem principal e, a partir de um certo ponto da narrativa, Evaristo apresenta com clareza o momento em que a narradora-personagem passa a voz para a personagem principal, para que ela consiga ser autora de sua história. No presente estudo, o conto trabalhado será “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, o quinto do livro de Evaristo.

Já o livro de contos *No seu pescoço* (2017), de Chimamanda Ngozi Adichie – uma autora nigeriana e feminista –, reúne doze contos nos quais as personagens são, majoritariamente, mulheres negras nigerianas em contato com culturas diferentes, preconceito racial e outros conflitos, que ocorrem desde as relações familiares até as questões religiosas. *No seu pescoço* (2017) mostrou ser uma interessante escolha após a leitura do livro de Conceição Evaristo, pois ambos trouxeram sensações semelhantes em suas leituras. Nos contos de Adichie, vemos também as vivências negras explícitas em cada página e a aproximação do leitor aos conflitos existentes nelas. A partir das similaridades percebidas com o que é apresentado no livro de Conceição Evaristo, surgiu a ideia de compará-los através do recorte da *atemporalidade* presente nos contos apresentados pelas autoras – principalmente nos escolhidos para esse trabalho, em que um ocorre na sociedade brasileira contemporânea e, o outro, nos tempos de colonização da Nigéria. Ainda, é importante dizer que a forma como as autoras não separam suas escritas de suas posições sócio-políticas – isto é, escrevem a partir da margem e dando espaço à vozes marginalizadas – faz com que seus contos tenham uma importância para além de apenas criar uma narrativa ficcional. O conto de Adichie trabalhado será “A historiadora obstinada”, o último do livro de contos da autora.

Os contos “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, e “A historiadora obstinada”, do livro *No seu pescoço* (2017), de Chimamanda Ngozi Adichie, como dito anteriormente, se entrelaçam por

revelar as vozes de personagens e vivências de mulheres negras que experienciam épocas diferentes e são atravessadas pela colonialidade. A primeira, em um cenário brasileiro contemporâneo, e a segunda, na Nigéria, em um passado colonial, em que as personagens, de alguma forma, tentam reinventar um passado familiar/ de seus descendentes, experienciando o tráfico de crianças: Maria do Rosário, em sua própria pele, e Nwamgba – protagonista do conto de Adichie – pelo olhar de um jovem de seu clã e pelo seu próprio medo de perder seu filho. Além disso, o silenciamento; o colonialismo; o apagamento de suas memórias e o reencontro com seu eu e sua ancestralidade também são temas que atravessam ambos os contos.

No conto de Conceição Evaristo, a personagem principal – dona do nome do conto –, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, conta sua história de vida, que vai do seu sequestro quando criança ao seu reencontro com os “seus”¹, trinta e cinco anos depois. Sua história, apesar de contemporânea, reflete um cenário passado de colonialidade e escravização de pessoas negras, ou seja, a atemporalidade como elemento essencial ao conto, – em que a personagem se depara com a opressão, o silenciamento, a subordinação e a exploração. Grada Kilomba, quando cita a atemporalidade da experiência negra em seu livro *Memórias da Plantação - Episódios do racismo cotidiano*, diz que: “Todos os episódios revelam um sentimento de atemporalidade, quando a pessoa *negra* é abordada no presente como se estivesse no passado.” (KILOMBA, 2019, p. 222). Logo, o cenário vivenciado pela protagonista é a repetição do passado visto através do racismo estrutural e cotidiano, que mistura passado e presente quando se trata de pessoas negras.

No conto de Adichie, “A historiadora obstinada”, há duas personagens que podem receber o título de “obstinada” – característica de quem persiste, insiste, não desiste –: Nwamgba, a protagonista a quem a história gira em torno, e sua neta Afamefunu – ou Grace, como foi batizada no catolicismo –, que, mesmo sendo criada em um ambiente extremamente católico e controlador, dedica a maior parte de sua vida a reencontrar e reescrever a história de seus ancestrais através de um olhar crítico de quem não se identifica com a maneira com a qual os livros escritos por “pesquisadores” brancos falam sobre seu povo, os povos vizinhos e sobre si mesma. Apesar da obstinação, as personagens também experimentam, assim como no conto de Evaristo, o silenciamento, o apagamento, a opressão e a exploração.

Foi Grace quem leu sobre esses selvagens, intrigada com seus costumes curiosos e sem sentido, sem conectá-los consigo mesma até que sua professora, a irmã Maureen, lhe dissera que não podia se referir à chamada-e-resposta que sua avó

¹No conto de Conceição Evaristo, a personagem detentora da história sempre se refere à sua família e a seus ancestrais como “os meus”.

tinha lhe ensinado como poesia, pois tribos primitivas não tinham poesia. (ADICHIE, 2017, p. 230)

As reflexões a seguir apresentadas tiveram como bases principais o psiquiatra e filósofo político Frantz Fanon e sua obra *Pele negra, máscaras brancas*, publicada no Brasil pela primeira vez no ano de 2008 – mais de 60 anos após sua publicação original ocorrida em 1952 –, e a escritora e também psicóloga Grada Kilomba e sua obra *Memórias da Plantação - Episódios do racismo cotidiano*, publicada no país em 2019, além de outros teóricos. Kilomba, inclusive, utilizou Fanon como base para diversos dos seus estudos acadêmicos, e não foi diferente com a obra escolhida para fazer parte desse trabalho.

Por último, após a introdução apresentar o resumo do percurso de análise, a estrutura do trabalho seguirá a seguinte sequência: 1º apresentação dos contos “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” e “A historiadora obstinada” e as semelhanças e diferenças contidas neles, com trechos importantes dos próprios contos para comprová-las; 2º apresentação conceitual do caráter (a)temporal do trabalho de Frantz Fanon em sua obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008), utilizando outros autores como Renate Zahar, Achille Mbembe e Fátima Lima, para comprovar esse e outros temas levantados para a produção desse trabalho; 3º apresentação conceitual sobre a atemporalidade e outros conceitos na obra *Memórias da Plantação - Episódios do racismo cotidiano* (2019), de Grada Kilomba, também utilizando outros autores para sua comprovação; 4º através dos conceitos apresentados nos tópicos anteriores, construir, a partir de comparações em suas formas textuais e temáticas, as questões que contemplam a atemporalidade dentro dos contos de Evaristo e Adichie, seguindo os seguintes temas/seções: “A atemporalidade e o *trauma colonial* nos contos ‘Maria do Rosário Imaculada dos Santos’ e ‘A historiadora obstinada’”, “O silenciamento da subalterna”, “O catolicismo e o apagamento cultural através da linguagem”, “A troca do Navio pelo Jipe” e “O reencontro com o eu através dos nomes”; 5º conclusão do trabalho.

2. A atemporalidade nos contos de Evaristo e Adichie

2.1 Sobre os contos

As autoras Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie apresentam, em suas literaturas, personagens femininas que são atravessadas por questões atuais que foram trazidas de um passado não muito distante e muito menos esquecido. Seus contos perpassam a subalternidade imposta à pessoa negra, mais especificamente, à mulher negra e as suas formas de organização social. Contudo, tais narrativas não estão fadadas à tristeza, pelo contrário, as autoras fazem questão de tirar as personagens de seus lugares de subalternidade e levá-las por seus caminhos de autoconhecimento e reencontro com seu eu. Além disso, o local de pertencimento das autoras faz com que elas sejam capazes de revelar as vozes daquelas que, por muito tempo, foram silenciadas.

A escolha de personagens mulheres negras também não foi por acaso, inclusive quando se é posto em evidência a dupla ausência² que afeta as mulheres de cor desde a colonialidade. Ainda, Conceição Evaristo utiliza o termo “escrevivência” – criado pela autora – para dar a possibilidade de reescrita da história brasileira a partir de vozes negras, sem a intervenção de uma escrita que apresenta a personagem negra com estereótipos racistas e derivados do sistema escravocrata. Em seu texto acadêmico *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (2009), Evaristo afirma que: “Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.” (EVARISTO, 2009). Ou seja, a escrita se dá através da verossimilhança com a vivência de mulheres e homens negros na sociedade brasileira e, para além disso, ao revelar as vozes de personagens mulheres negras nos contos selecionados, a condição de sujeito subalternizado é invertida .

O conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, através de um narrador homodiegético, conta a história da protagonista de mesmo nome, que é raptada por um casal de estrangeiros de sua cidadezinha, Flor de Mim, e retirada “dos seus”. A partir daí, a personagem cresce na casa do casal como se não existisse, revisitando seu trauma dia após dia

²A mulher *negra*, não sendo nem *branca* nem homem, neste esquema colonial representa então uma dupla ausência que a torna absolutamente inexistente. Pois ela serve como a *outra* de *outrxs*, sem status suficiente para a Outridade. (KILOMBA apud FANON, 2020, p. 16).

com a esperança de voltar para Flor de Mim. Em um certo momento de sua narrativa, o casal se separa e Maria do Rosário é levada para outra casa que, novamente, não era a sua, onde começou a trabalhar intensamente, cuidando da casa e de crianças. Após esse ocorrido, Maria passou por diversas casas, teve relacionamentos amorosos – mas nunca filhos – e se dedicou a seus estudos como forma de sobrevivência. Até que um dia, em sua lenta caminhada em direção a Flor de Mim, Maria do Rosário, participando do ciclo de palestras “Crianças desaparecidas”, através do relato de sua irmã mais nova a qual não sabia da existência, se reencontrou com “os seus” e com ela mesma, retornando a Flor de Mim.

O conto “A historiadora obstinada”, através de um narrador heterodiegético, conta a história de Nwamgba, uma senhora nativa de um clã do sul da Nigéria que começa sua história mostrando sua característica obstinada. Nwamgba escolheu seu próprio marido, Obierika, apesar do infortúnio da infertilidade que assolava a família dele. A própria personagem, ao longo do conto, sofreu vários abortos, até finalmente conseguir dar a luz a seu único filho Anikwenwa. Após a morte repentina de Obierika, Nwamgba desconfia dos primos de seu marido, principalmente quando eles começam a pegar parte de suas terras e de seus animais. Vendo na recém chegada missão cristã a possibilidade de fazer seu filho aprender a língua estrangeira e recuperar a herança deixada pelo pai, a personagem principal, como última opção diante de sua situação, põe seu filho na escola católica. A partir desse momento, Anikwenwa abandona a cultura da mãe e seu nome, e passa a ser um missionário, a adotar a cultura do colonizador como sua e assume o nome Michael. Afastando-se cada vez mais da mãe, Michael se casa com uma mulher cristã que também não consegue ter filhos, até que Nwamgba pede ajuda ao oráculo, pois acredita que através do filho de Michael reencontrará seu falecido marido. Isso acontece após o nascimento da segunda filha de Michael, Nwamgba consegue, finalmente, reencontrar Obierika, através de Grace – Afamefuna –, que leva o título de historiadora obstinada, pois após a morte de Nwamgba, dedica seus estudos acadêmicos a recuperar a história do sul da Nigéria e de sua avó.

Por fim, antes de iniciar a análise sobre a atemporalidade da experiência negra no presente estudo, é importante situar e mostrar semelhanças e diferenças entre os contos, de maneira que seja apresentado como se deu a escolha dos contos e o recorte feito para esse trabalho para que, assim, seja compreendido em sua totalidade. Frantz Fanon e Grada Kilomba serão norteadores teóricos das discussões sobre a atemporalidade.

2.1.1 As diferenças

As diferenças principais entre os dois contos estão na maneira como as personagens Maria do Rosário e Nwamgba vivem suas realidades. Enquanto Maria do Rosário é afastada de seus familiares, os quais ela repetidamente chama de “os meus”, Nwamgba vive em seu clã, conhecendo toda a cultura e crença e as vê sendo lentamente modificadas pela crença do chamado homem branco, que deseja colonizar e “salvar” as almas dos nativos “selvagens”. Aqui, é possível reparar como o processo de cada personagem assume características distintas a partir da atemporalidade existente nas obras.

Uma crença, contudo, parece aproximar os diferentes pensamentos acerca da construção familiar das personagens. No clã de Nwamgba, vender filhas mulheres para serem escravas traz azar à fertilidade da família: “Talvez alguém da família houvesse violado o tabu de vender uma menina como escrava e o deus da terra, Ani, estivesse assolando-os com infortúnios.” (ADICHIE, 2017, p. 213). Essa crença foi utilizada para explicar o por que da família de Obierika – marido de Nwamgba – ser considerada infértil pelo clã, já que os antecedentes e, posteriormente, descendentes de Obierika não eram capazes de procriar de maneira fácil e abundante, assim como aconteceu com a própria Nwamgba, que, apesar de possuir o desejo de ter uma casa cheia de filhos, sofreu incontáveis abortos espontâneos e, apenas após pedir ajuda ao oráculo, conseguiu ter seu único filho, Anikwenwa.

Em contrapartida, Maria do Rosário, a menina que foi raptada de seus pais e viveu como “servente”, em seus poucos relacionamentos, as vezes que engravidou, provocou seus abortos, pois o *trauma individual*³ causado pelo sequestro provocava o medo de perder “os seus”: “Não queria ter família, tinha medo de perder os meus.” (EVARISTO, 2016, p. 51). Assim, a diferença presente entre o desejo de dar continuidade à sua linhagem de Nwamgba e a vontade de não ter descendentes por parte de Maria do Rosário também são um traço de atemporalidade. Isso pode ser visto, principalmente, no trauma deixado pela colonização, em que a pessoa de cor tem medo de que seus descendentes sejam subalternizados e silenciados. Essa perda, entretanto, não se refere apenas aos filhos, mas também à perda de sua história, a história da sua família, de seus ancestrais, que lhe foi tirada no momento do rapto, já que nem por seu nome era chamada:

Eu tinha o desejo enorme de falar da minha terra, da minha casa primeira, dos meus pais, da minha família, da minha vida e nunca pude. Para eles, era como se eu

³O *trauma individual*, aqui, nortado por Grada Kilomba, é vinculado ao *trauma colonial* a partir da conceitualização da experiência do racismo cotidiano como uma experiência traumática. O tema será aprofundado em 2.3 A atemporalidade em Kilomba, p. 21.

tivesse nascido a partir dali. Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias da minha gente. (EVARISTO, 2016, p. 47)

Por fim, a diferença estrutural das narrativas quanto ao foco narrativo – “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” através de um narrador homodiegético e “A historiadora obstinada” através de um narrador heterodiegético – apresenta sentidos diferentes quanto a forma como a narrativa cria espaço para as personagens e suas vozes subalternas. Isto é, revelar a voz da através de diferentes focos também implica na posição de quem fala, já que uma conta sua história e outra tem sua história contada.

2.1.2 As semelhanças

Em ambos os contos, o homem branco é o estrangeiro, é o diferente “de mim e dos meus”, é o que rapta, o que traz novas crenças, o que machuca, o que cala. Para Maria do Rosário, personagem de Evaristo que viveu em um terreiro pequeno, que abrigava todos os seus familiares em uma cidade pequena chamada Flor de Mim, o casal branco que ofereceu uma carona para as crianças em seu jipe e, depois, a sequestrou, nada mais era que um casal de estrangeiros que a tinha levado de seu país Brasil. Mais tarde, através de um rádio que ganhou desse casal – o qual ela nunca cita o nome ou descreve individualmente –, descobriu que nunca havia saído do Brasil, mas sim foi levada para o sul do país, onde a população é majoritariamente branca.

Para Nwamgba, protagonista do conto de Adichie, enxergar o homem branco como estrangeiro é o mais natural, visto que, não muito diferente do que ocorreu com Maria do Rosário, foi o homem branco que foi até seu clã, seu país. Assim como no conto de Evaristo, o estrangeiro branco vem para alterar a vida da protagonista, primeiro como uma forma de salvação, já que falar a língua do branco faria com que ela e seu filho recuperassem as terras que lhes eram de direito. Posteriormente, a figura do estrangeiro remete a um povo com costumes estranhos, que tira seu único filho através de suas crenças cristãs. Isto é, essa figura do homem branco estrangeiro “rouba” seu filho e introduz, aos poucos, seus costumes e objetos no clã de Nwamgba, que sente que o mundo faz cada vez menos sentido desde essa chegada.

Em razão das perdas citadas anteriormente, os dois contos têm em comum a reinvenção de um passado familiar. Nesse caso, as duas personagens que trazem essa temática são Maria do Rosário e Afamefuna, neta de Nwamgba. Com Maria do Rosário, Conceição Evaristo deixa muito clara a intenção da protagonista em retornar “aos seus”, de manter suas lembranças vivas como uma maneira de não se afastar mais de suas origens. Esse pensamento

é marcado várias vezes durante o conto, às vezes, envolto pelo medo de não ser mais reconhecida como uma pertencente daquele lugar, outras, com a confirmação de que o desejo de retornar era maior que qualquer empecilho trazido pelo trauma⁴, como no trecho a seguir: “Uma força maior me comandava, entretanto. A força do desejo dos perdidos em busca do caminho de casa.” (EVARISTO, 2016, p. 53).

Com Afamefunu, Adichie apresentou desde cedo o interesse da personagem nas poesias e nas histórias contadas por Nwamgba em sua infância e no interesse pelas cerâmicas feitas pela avó durante a adolescência, isto é, formas de mostrar um reencontro com a cultura do sul da Nigéria pela personagem. É importante citar que a sensação de pertencimento sempre esteve presente na personagem, principalmente porque a autora sugere que o espírito de Obierika – marido de Nwamgba e avô de Afamefunu – retornou no corpo da menina: “No instante em que Nwamgba a pegou no colo e viu seus olhos brilhantes fixos nela com deleite, ela soube que era o espírito de Obierika que tinha voltado”(ADICHIE, 2017, p. 229). Na fase adulta, já após a morte de Nwamgba, Adichie relata uma sequência de fatos que levaram Afamefunu a abdicar da faculdade de química para iniciar a faculdade de história e se dedicar a resgatar o mundo de sua avó, de seus ancestrais, resultando na escrita do livro *Pacificando com balas; uma história recuperada do sul da Nigéria*, de acordo com sua vivência e seu não pertencimento ao descrito nos livros que eram ensinados, assim como as histórias contadas por seus alunos “sobre a destruição de sua aldeia anos antes pelas armas de homens brancos” (ADICHIE, 2017, p. 232).

Ainda, as autoras trouxeram em seus contos nomes que representavam esse regresso, essa reinvenção e salvação do *eu*⁵. Os nomes das personagens principais, assim, são muito representativos e não foram escolhidos ao acaso, muito pelo contrário, são partes importantes de suas identidades e as autoras conectam toda a história através desses detalhes. Desse modo, Evaristo, além do nome Flor de Mim dedicado a cidade da personagem principal, ao apresentar o nome Maria do Rosário Imaculada dos Santos, expõe também a fé cristã fervorosa da família da personagem. E, além disso, a autora dedica à personagem principal do conto, além do nome Maria, o nome Rosário, assim como a Senhora do Rosário⁶, a padroeira dos escravizados do Brasil Colonial, cultuada pelos escravizados evangelizados.

⁴Acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica. (LAPLANCHE, 1991, p. 522)

⁵A reinvenção e salvação do *eu* estão presentes na construção dos nomes das personagens em ambos os contos e será aprofundado em 2.4.4 O reencontro com o eu através do nome, p. 30.

⁶A santa já era cultuada na África, levada pelos portugueses como forma de cristianizar os negros. Eles eram batizados quando saíam da África ou quando chegavam ao Brasil. <https://www.blog.gladysreligiosos.com.br/nossa-senhora-do-rosario-padroeira-dos/>

Para o conto de Adichie, um dos nomes mais importantes é o de Afamefuna⁷. Contudo, além desse nome, Adichie também fez questão de explicar os nomes igbos escolhidos por Nwamgba e dados ao neto e ao filho. Assim como no conto de Evaristo, os nomes das personagens também representam o desejo e agradecimento da protagonista, ou seja, fazem parte da história e não foram escolhidos à toa. O primeiro é Anikwenwa, filho de Nwamgba, cujo nome foi escolhido em agradecimento ao deus da terra, Ani, pela benção de ter conseguido ter um filho depois de tantos abortos. Já seu neto recebeu o nome de Nnamdi, que significa “o pai retornou”, pois a avó acreditava ser o espírito de seu falecido marido: “O padre O’Donnell o batizou com o nome de Peter, mas Nwamgba o chamava de Nnamdi, pois acreditava que era o espírito de Obierika que tinha voltado.” (ADICHIE, 2017, p. 229).

Com isso, é possível perceber que os contos percorrem caminhos que se cruzam e se divergem, apresentando temas comuns e igualmente importantes em cada um deles. Assim, após a apresentação geral dos contos “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” e “A historiadora obstinada”, para que seja feita a comparação proposta, é necessária a explicação de conceitos como atemporalidade, *trauma colonial*, racismo genderizado, entre outros, através, principalmente, de uma discussão sobre as obras *Pele Negra, máscaras brancas* (2008), de Frantz Fanon, e *Memórias da Plantação - Episódios do racismo cotidiano* (2019), de Grada Kilomba.

2.2 A (a)temporalidade em Fanon

A arquitetura do presente trabalho se situa na temporalidade. Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. O ideal seria que o presente sempre servisse para construir o futuro.

[...] O futuro deve ser uma construção constante do homem existente. Essa edificação se vincula ao presente, na medida em que considero algo a ser superado.

A análise é sobretudo regressiva. (FANON, 2020, p. 27)

Frantz Fanon, nascido 20 de julho de 1925 no Fort-de-France, Martinica – ilha situada nas Antilhas Francesas, antiga colônia francesa e atualmente considerada um departamento ultramarino insular francês –, foi um psiquiatra, pensador político e autor, dentre outros, do livro *Pele negra, máscaras brancas*. Nessa obra, o autor se propõe a levar à reflexão e à compreensão da questão negra e, através destas, à desalienação do homem, principalmente o homem de cor. Por intermédio desse livro, Fanon fala sobre suas próprias experiências e apresenta como a exaltação dos valores europeus e colonialistas fizeram com que o homem de cor não reconhecesse o seu próprio eu: “Ali, pelo contrário, observamos os esforços

⁷Meu nome não se perderá.

desesperados de um negro que se empenha em descobrir o sentido da identidade negra. A civilização branca e a cultura europeia impuseram ao negro um desvio existencial.” (FANON, 2020, p. 27) e como essa realidade afeta a atualidade e o futuro da humanidade.

Quando referente às próprias experiências utilizadas por Fanon para ilustrar episódios negrófobos, Renate Zahar, em seu livro *Colonialismo e alienação - Contribuição para a teoria política de Frantz Fanon* (1976), afirma que Fanon não busca exatamente contribuir para estudos científicos sobre preconceitos raciais, contudo, Zahar expõe que “Fanon formula as suas próprias experiências, a fim de pôr em evidência, para os seus companheiros de miséria, os mecanismos psico-sociais que lhes mascaram as causas de sua opressão.” (ZAHAR, 1976, p. 70).

Ademais, como uma das bases do autor para a conceitualização de seu livro e seu trabalho como psicólogo, Fanon apresenta o conceito de psicanálise:

A psicanálise, nunca é demais enfatizar, busca compreender determinados comportamentos - no interior do grupo específico que a família representa. E, quando se trata de uma neurose vivenciada por um adulto, a tarefa do analista é encontrar, na nova estrutura psíquica, uma cópia dos conflitos surgidos no seio da constelação familiar. (FANON, 2020, p. 157)

Em conjunto com a psicanálise freudiana e, muitas vezes, questionando-a, Fanon acredita também nas dimensões sociais que envolvem a psique, e que o individual deve ser levado em consideração para compreender o indivíduo e no contexto o qual ele se aplica. Por isso afirma: “A sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não está imune à influência humana. O homem é aquilo que faz com que a sociedade exista.” (FANON, 2020, p. 25). E isso envolve, claramente, o homem de cor e as reações do mundo para com ele e dele para com o mundo. Em contraste com a forma como a psicanálise trata o indivíduo no mundo branco, em que o ser branco é tido como normal, ocorre o oposto quando o que é apresentado é a pessoa negra: “Uma criança negra normal, tendo crescido em uma família normal, passará a ser anormal ao menor contato com o mundo branco.” (FANON, 2020, p. 159).

No que se refere à subjetividade do homem de cor, a colonialidade é invocada por Fanon como um de seus propulsores. Fátima Lima, em seu artigo *Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: o estudo da subjetividade na encruzilhada* (2020), evoca Fanon ao relacionar a colonialidade com o modelo socioeconômico capitalista que afeta toda a sociedade, principalmente os que estão na margem: “Mais do que uma palavra e longe de ser uma metáfora, a colonialidade atravessa as relações sociais, funda e refunda arquiteturas, atua através da linguagem enquanto violência, classifica, hierarquiza, subjuga, desumaniza e extermina.” (LIMA, 2020, p. 84). Achille Mbembe (2001), por sua vez, afirma que: “Seja na

negritude ou nas diferentes versões do pan-africanismo, a revolta não é contra o pertencimento africano a uma outra raça, mas contra o preconceito que designa a esta raça um *status inferior*” (MBEMBE, 2001, p. 183)

Fazendo um recorte dentro da colonialidade, como uma forma de imposição da cultura do colonizador, baseada em costumes ocidentais e cristãos, as igrejas cristãs tiveram um papel crucial na dominação do sistema colonial. Assim, durante todo o processo de colonização ocorreram missões religiosas – mais violentas que pacíficas – de diversas doutrinas cristãs com o intuito de criticar, animalizar e repreender toda forma de existência e cultura que divergia da experienciada pelo europeu. Aqui, há um apontamento não apenas das religiões pagãs, mas também de toda linguagem utilizada que não fosse a do colonizador. Com isso, o pensamento de Fanon acerca do homem negro, e a cor preta em si, sendo a representação daquilo que é tido como inferior, as coisas negativas e obscuras como o mal, o pecado – principalmente em sua sexualização animalesca e exagerada – e a miséria, é afirmado. “Em outras palavras: o negro é aquele que é imoral.” (FANON, 2020, p. 203).

Ademais, Fanon apresenta, desde o início de seu trabalho em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), o caráter temporal de seu texto. Mas o questionamento aqui é: Por que temporal? A noção de tempo contém o passado, o presente e o futuro. Para o autor, seu trabalho é denominado de temporal pois é com o presente que Fanon quer construir o futuro: “Essa edificação se vincula ao presente, na medida em que o considero algo a ser superado.” (FANON, 2020, p. 27) Ou seja, o foco do seu trabalho se concentra no presente. Entretanto, por mais que Fanon queira nesse livro se afastar dos retornos constantes ao passado, falar sobre o tema requer uma análise regressiva e, com ela, revisitar momentos do passado.

Em contraposição à temporalidade proposta pelo estudo feito por Fanon – e observado mais tarde por ele –, o racismo ainda ocupa um lugar social em que a atemporalidade se encontra. Isto é, a violência traumática sofrida na colonialidade pelas pessoas de cor através da hegemonia branca perpetua até a atualidade. Lima (2020) apresenta, com base em suas leituras de Kilomba, que: “[...] o racismo cotidiano apresenta-se também através de uma cronologia que é atemporal, em que, muito mais do que apenas uma reencenação colonial, reflete uma realidade traumática que tem sido omitida (Kilomba, 2019c).” (LIMA, 2020, p. 89).

O *trauma colonial* também é apresentado por Fanon quando ele expõe inúmeras vezes o cenário vivido pelo homem negro. Esse cenário, contudo, não diz respeito apenas ao presente, mas também ao fato dos negros, de um dia para o outro, através da imposição e violência implicada, naturalizarem e terem que lidar com a realidade do colonizador, terem

que aprender a lidar com costumes e crenças que lhes eram estrangeiros e serem atravessados violentamente pelas imposições dessa civilização que acreditava ser merecedora de possuir o mundo. Envolto nessa realidade, Fanon apresenta o momento em que foi atingido por esse *trauma*, marcado além da violência física, ao se encontrar na terra do colonizador, no caso de Fanon, ao se encontrar na França:

Eu era a um só tempo responsável pelo meu corpo, pela minha raça e pelos meus ancestrais. Eu me percorri com um olhar objetivo, descobri minha negrura, meus traços étnicos - e então me arrebataram o tímpano com a antropofagia, o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros e, acima de tudo, acima de tudo o mais: “*Y’ a bon banania*”. (FANON, 2020, p. 127)

Outros elementos de extrema importância no trabalho de Fanon – e que são evocados neste estudo – são os conceitos de existência e ausência. Existência aqui em seu sentido literal, o homem de cor existe, isto é um fato. Ausência, nesse caso, se expressa pelo não pertencimento, pela exclusão e pela invisibilidade figurada a que o negro é submetido. Logo, quando se trata de pessoas de cor, existir não é a única necessidade, já que o que é normal dentro do sistema capitalista é o homem branco deter os mais diversos tipos de poderes. Assim, como cita Kilomba no prefácio escrito por ela para o livro de Fanon: “Um facto é que quem tem pouco ou nenhum poder é caracterizado assim, na ausência. Na inexistência.” (FANON, 2020, p. 15).

Ainda sobre existência e ausência, o papel da figura negra feminina é muito questionado no livro de Fanon por diversas autoras. Assim, o papel da mulher negra, principalmente, é pautado na submissão e sexualidade exagerada relacionada à disputa entre dois homens, um negro e um branco, como exposto no capítulo “A mulher de cor e o branco”. Ademais, o autor utiliza em seu trabalho *homem* como sinônimo de ser humano e, para os leitores, fica claro durante a leitura que o sujeito do livro é o homem negro. Ou seja, em *Pele negra, máscaras brancas* (2008) a mulher negra só se torna sujeito quando diz respeito aos seus relacionamentos heteronormativos e seus desejos sexuais. Desse modo, segundo Kilomba, a mulher negra experiencia uma dupla ausência quando seu papel na sociedade se torna inexistente, “Pois ela serve como a *outra* de *outrxs*, sem status suficiente para a Outridade.” (KILOMBA apud FANON, 2020, p. 16).

2.3 A atemporalidade em Kilomba

Grada Kilomba é uma teórica, escritora, psicóloga e artista portuguesa que teve sua tese de doutorado transformada em um livro intitulado *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, publicado no Brasil no ano de 2019. Com a influência de intelectuais

negros como Fanon, o livro de Kilomba traz temas como o colonialismo, o pós-colonialismo, o trauma, o conceito de racismo e a descolonização, e, principalmente, o espaço que a mulher negra ocupa na sociedade patriarcal e capitalista contemporânea. Além disso, assim como faz Fanon em seu livro, a autora apresenta sua autopercepção e utiliza do relato de duas mulheres negras que vivem na Alemanha para abordar os temas referentes ao racismo cotidiano e a subalternidade da mulher negra, principalmente. Para Kilomba, “Todos os episódios revelam um sentimento de atemporalidade, quando a pessoa *negra* é abordada no presente como se estivesse no passado.” (KILOMBA, 2019, p. 222), e, assim, ao revelar a voz das entrevistadas, ela mostra como o racismo cotidiano vivido na atualidade continua atrelado ao passado colonialista e seus efeitos.

Para chegar no conceito atemporal do racismo cotidiano, Kilomba teoriza seu trabalho através do conceito de colonialidade e da experiência da escravização. Para isso, a autora parte da imagem de Anastácia, e da *máscara do silenciamento*⁸ imposta a ela, como símbolo da colonialidade, que trouxe repressão, silenciamento, submissão, animalização e outras posições negativas e violentas. “[...] a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/dos “*Outras/os*”.” (KILOMBA, 2019, p. 33). A máscara, nesse caso, representa a dominação e censura branca diante da pessoa de cor, que se vê impossibilitada de exercer funções fundamentais como comer e falar. Com isso, na colonialidade, assim como descrito por Fanon, o branco é colocado na posição de normalidade/civilizado, enquanto tudo que se difere dele é caracterizado como anormal/selvagem, ou o “*Outro*” – maneira pela qual Kilomba descreve a *outridade* imposta pelo racismo.

Com isso, a autora propõe observar os relatos pessoais – femininos e negros – apresentados para se fazer pensar os conceitos de sujeito e subjetividade – negados a pessoa de cor – através das realidades vivenciadas e que enfrentam o apagamento do sujeito negro através da história colonial e da escravidão que persistem até a atualidade. Por esse motivo, a autora apresenta como o sujeito branco, a partir de um desmonte da subjetividade negra – em que é retirada a terra, retirada a linguagem, retirada a cultura e, quando não satisfeitos, a vida –, tenta retirar do negro toda e qualquer esperança de pertencimento que ele pode ter.

⁸Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores *brancos* para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era o lugar de silenciamento e de tortura. (KILOMBA, 2019, p. 33)

Kilomba também comenta sobre a escravidão ser descrita como uma “história assombrada”: “Essa é uma associação fascinante: nossa história nos assombra porque foi enterrada indevidamente.” (KILOMBA, 2019, p. 223).

Ademais, Kilomba diz que

O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém - no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família.” (KILOMBA, 2019, p. 80)

Com isso, o racismo cotidiano não é um evento referente a uma experiência pessoal e isolada, senão uma violência padronizada e atemporal à qual pessoas negras estão expostas constantemente e que as afasta do seu “eu” e as aproxima do conceito de “*Outro*”, representando situações em que o sujeito branco é colocado como o *senhor* possuidor do sujeito negro – *escravo* –, o qual ele fere. Ainda, a autora apresenta o racismo genderizado, aproximando o sistema racista do sistema sexista, levando as mulheres negras a vivenciarem experiências diferentes e únicas quando comparadas ao homem negro em relação ao racismo, e à mulher branca quando relacionada ao machismo. Ou seja, o racismo genderizado é utilizado para “se referir à opressão racial sofrida por mulheres *negras* como estruturada por percepções racistas de papéis de gênero.”(KILOMBA, 2019, p. 99), sendo, assim, a mulher negra é duplamente ausente, inexistente.

Para finalizar sua obra, Grada Kilomba escreve o capítulo “Descolonizando o eu”, em que a autora fala sobre o processo de descolonização e maneiras de se desconectar dos processos que perpetuam o sistema colonialista e racista, já que “Essa é a função do racismo cotidiano: restabelecer uma ordem colonial perdida, mas que pode ser revivida no momento em que o *sujeito negro* é colocado novamente como a/o “*Outra/o*”.” (KILOMBA, 2019, p. 225). Isto é, se descolonizar é se desamarrar das ordens colonialistas e racistas impostas e perpetuadas através do tempo e tirar do homem branco ações que o fazem acreditar que podem controlar e possuir o sujeito negro. Nesse caso, ela propõe também passos para que o sujeito negro recupere e comece a viver o seu “eu”, deixando de lado a “*Outridade*” que o sujeito branco lhe impôs.

Enquanto conceitualiza a experiência do racismo cotidiano, Kilomba apresenta a situação traumática – o *trauma clássico* da psicanálise – na qual ele se encontra. Através disso, ela faz um vínculo entre *trauma colonial* e *trauma individual*, uma forma de mostrar o *trauma colonial* atrelado ao racismo cotidiano, que continua ferindo diariamente a pessoa de

cor e que será utilizado para abordar a atemporalidade no processos vividos pelas personagens em ambos os contos aqui trabalhados:

O Relato psicanalítico do trauma traz três ideias principais implícitas: primeira, a ideia de *choque violento* ou de evento inesperado para o qual a resposta imediata é o choque; segunda, a *separação* ou fragmentação, pois esse choque violento inesperado priva a relação da pessoa com a sociedade; e, terceira, a ideia de *atemporalidade*, na qual um evento que ocorreu em algum momento do passado é vivenciado no presente e vice-versa, como consequências dolorosas que afetam toda a organização psicológica, entre as quais se encontram pesadelos, flashbacks e/ou dor física. (KILOMBA, 2019, p. 216)

2.4 A atemporalidade e o *trauma colonial* nos contos “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” e “A historiadora obstinada”

É importante lembrar que o conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, de Evaristo, narrado em primeira pessoa, gira em torno do evento traumático do rapto da protagonista – *trauma individual* – e as dores das separações forçadas que ocorreram constantemente em sua vida até seu retorno à Flor de Mim – e a si mesma. Como mencionado, a trajetória da protagonista atravessa temas como a atemporalidade, a subalternidade, o colonialismo e a autorreflexão e o desejo de retorno. Evaristo apresenta, a partir da separação forçada da protagonista de sua família, a confusão de sensações e sentimentos diante do trauma. Após entender que, de fato, a tinham roubado de seus pais, Maria do Rosário se percebe sozinha enquanto aprende a viver na ausência. O trauma é repetido quando o casal se separa e Maria do Rosário é levada, novamente, por uma pessoa que não conhecia, para um lugar que também não sabia qual, tendo que se desfazer emocionalmente de tudo que conhecia, se acostumar com sua nova realidade e trabalhar incessantemente. Os temores da protagonista são reforçados ao longo da narrativa por Evaristo. Deste modo, mesmo após ganhar a autonomia de ir e vir, a protagonista não consegue retornar de imediato à Flor de Mim, assim como não tem filhos para não perder mais uma vez os seus. Foi através dos estudos que, lentamente, Maria do Rosário traçou seu retorno em direção à sua cidade e a si mesma, até se reencontrar com uma irmã que nunca tinha conhecido e retornar, enfim, para si e para Flor de Mim.

Tão importante quanto, o conto de Adichie, “A historiadora obstinada”, narrado em terceira pessoa, conta a história de Nwamgba, uma mulher nativa de um clã do sul da Nigéria que enfrenta problemas familiares, principalmente após a morte de seu marido Obierika. Nesse conto, a autora apresenta o medo da protagonista de que os primos de seu falecido marido tomassem toda a herança que pertencia a ela e a seu único filho, Anikwenwa, ao

mesmo tempo em que a chegada do homem branco e das missões cristãs traziam mudanças significativas aos clãs do sul da Nigéria. Essa chegada é decisiva para o rumo da trajetória da protagonista, já que é através dela que Nwamgba toma as decisões que mudam a relação familiar/social apresentada até ali. Em um primeiro momento, a missão cristã aparece como uma forma de salvação para Nwamgba, já que aprender o idioma estrangeiro faria com que seu filho conseguisse recuperar e proteger toda a herança do pai. Contudo, os ensinamentos e costumes trazidos pelos cristãos fizeram com que Anikwenwa se afastasse das crenças do clã e, conseqüentemente, da própria mãe. Através da personagem Afamefuna – neta de Nwamgba –, Adichie constrói uma ligação forte entre neta e avó, que sempre apresenta muito interesse pelas histórias contadas por Nwamgba e não se encontra na criação cristã dada pelos pais e pelas escolas que frequentava. Dando a Afamefuna o papel de resgatar e reinventar o passado de seu clã. Deste modo, Adichie introduz temas como a subalternidade, o silenciamento, o apagamento da cultura nativa e o *trauma colonial* – cenário atemporal que retorna sempre para a sociedade e para o sujeito.

O *trauma colonial* é descrito por Kilomba como:

O desmembramento dos povos africanos simboliza um trauma colonial, pois trata-se de uma ocorrência que afetou tragicamente não apenas aquelas e aqueles que ficaram para trás e sobreviveram à captura, mas sobretudo aquelas e aqueles que foram levadas/os para o exterior e escravizadas/os.” (KILOMBA, 2019, p. 207)

Assim, a partir do que foi exposto, tudo esbarra no *trauma colonial* descrito e o sentimento de encontrar-se sempre na atemporalidade, onde passado e presente se misturam em todos os cenários da vida da pessoa de cor. Para iniciar, é importante falar sobre Maria do Rosário e seu *trauma individual* baseado no conceito trazido por Kilomba (2019) para, assim, levá-lo ao *trauma colonial* e a atemporalidade que são compartilhados com o conto de Adichie.

Em primeiro lugar, o *choque violento* pode ser visto no momento em que a Maria do Rosário foi raptada e retirada dos seus, que desencadeou um choque tão grande – violento – que a fez demorar dias para perceber a situação em que se encontrava, ao ser levada para longe de Flor de Mim. A *separação*, que aqui podemos vincular tanto à separação da família em si quanto à separação de Maria do Rosário da sociedade como um todo, o que a tornou uma jovem que pouco falava ou se expressava, privando-a de uma relação saudável e natural com a sociedade. Por último, e talvez o mais marcante no conto, é a ideia de *atemporalidade* do evento traumático do momento exato do rapto, o momento passado revisitando o presente, que é revivido pela personagem incansáveis vezes e de diversas maneiras, às vezes mais reais, outras, mais fantasiosas: “A lembrança do dia em que fui roubada voltava incessantemente.

Às vezes, com todos os detalhes, ora grosseiramente modificado. Na versão modificada, eu-menina era jogada no porão de um navio, pelo casal que tinha me roubado de casa.” (Evaristo, 2016, p.52). Aqui, fica visível como a personagem, no presente, é atravessada pelo passado histórico do povo negro escravizado.

Apesar de se apresentar como o *trauma individual* de Maria do Rosário, a sensação de repetição de fatos, a todo momento, tem origem na perspectiva de que não parece ser a primeira vez que uma história como essa é ouvida. Isso se dá pelo caráter atemporal do *trauma colonial* citado por Kilomba, o que nos leva a ver o *trauma individual* da personagem também como *trauma colonial* e atemporal. Isto é:

Contudo, os dolorosos efeitos do trauma mostram que as/os africanas/os do continente e da diáspora foram forçadas/os a lidar não apenas com traumas individuais e familiares dentro da cultura *branca* dominante, mas também com o trauma histórico coletivo da escravização e do colonialismo reencenado e reestabelecido no racismo cotidiano, através do qual nos tornamos, novamente, a/o “*Outra/o*” subordinado e exótico da branquitude.” (KILOMBA, 2019, p.215)

Paul Gilroy, em seu livro *O Atlântico negro* (2012), discute temas como desigualdade social, econômica e hierarquia social em uma perspectiva moderna, baseado em momentos históricos coloniais e pós-coloniais, como a diáspora negra. Em uma das passagens em que o autor aborda a diferença racial e o racismo, ele expressa uma das heranças da colonialidade que, como uma vitória do racismo, muitas pessoas de cor se viram vivendo em situações marginais. O trecho “Os padrões de repressão interna, culpa, miséria e desespero estabelecidos sob a disciplina social da escravidão perduram mesmo que a ordem política e econômica que os criou tenha sido parcialmente transformada.” (GILROY, 2012, p. 303) aborda também a atemporalidade nas relações sócio-econômicas atuais.

2.4.1 O silenciamento da subalterna

O silenciamento das personagens Maria do Rosário e Nwamgba é muito bem construído em ambos os contos, conseguindo causar no leitor um desconforto parecido ao das personagens por não serem ouvidas nos ambientes que são – ou simulam – colonialistas. Para Kilomba (2019), “a ideia de *uma subalterna silenciosa* pode também implicar a alegação colonial de que grupos subalternos são menos humanos do que seus opressores e são, por isso, menos capazes de falar em seus próprios nomes.” (Kilomba, 2019, p. 48) Mas, para além das questões puramente raciais, as personagens são caracterizadas pelo sexo feminino, e, como dito anteriormente, o gênero as coloca em uma posição de dupla ausência.

No conto de Evaristo, a *máscara do silenciamento* é colocada em Maria do Rosário a partir do momento do seu rapto. Primeiro, quando, ainda dentro do jipe do casal “estrangeiro” e junto ao seu irmão, pedia para que eles parassem e eles apenas sorriam e continuavam percorrendo a estrada que dava para fora da pequena cidade. E, após sua chegada à casa do casal – já sem seu irmão, que foi abandonado sozinho no meio da estrada –, continuou não sendo ouvida nem vista; inexistente. Não lhe perguntaram o nome e apenas a chamavam de “menina”, negando sua subjetividade, não mantinham muito contato com ela e ignoravam completamente seu passado. Em um dado momento da história, como uma consequência do silenciamento, a protagonista apresenta a vontade de ser ouvida:

Eu tinha o desejo enorme de falar da minha terra, da minha casa primeira, dos meus pais, da minha família, da minha vida e nunca pude. Para eles, era como se eu tivesse nascido a partir dali. Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias da minha gente.(EVARISTO, 2016, p.47)

E, por não ser ouvida, a protagonista aprendeu, diante da opressão, a viver no silêncio imposto. Evaristo conseguiu mostrar perfeitamente como o silenciamento afetou a vida de Maria do Rosário quando a personagem principal recebeu a notícia de que, após a separação do casal, seria levada para a casa da tia de um deles, não esboçou reação e permaneceu em silêncio. Assim como no momento da viagem em si, em que Maria do Rosário confessa: “Chorei pra dentro mais uma vez.” (EVARISTO, 2016, p. 50).

Em “A historiadora obstinada”, Adichie consegue apresentar mais detalhadamente como houve o silenciamento da personagem ao longo do conto. Diferente de como ocorre com Maria do Rosário, que começa a ser silenciada a partir do momento em que é levada de Flor de Mim, Nwamgba enfrenta o primeiro silenciamento dentro de seu clã e, posteriormente, através das mudanças trazidas pelo colonialismo e a missão cristã, é silenciada pelo próprio filho. A personagem principal do conto começou a ser silenciada em seu próprio clã a partir do assassinato de seu marido Obierika. No momento em que os primos do seu marido – os quais Nwamgba tinha certeza que haviam o matado – propuseram aos anciãos que ficassem com parte das terras que pertenciam a Obierika pois Nwamgba, além de ainda poder casar, tinha roubado a virilidade do marido, os anciãos ficaram ao lado deles, permitindo que parte das terras e alguns animais fossem levados. No trecho “[...] Nwamgba os enfrentou aos gritos e, quando eles a ignoraram [...] até que os anciãos da aldeia lhe pedissem que os deixasse em paz.” (ADICHIE, 2017, p. 217), Adichie mostra o quão obstinada é a protagonista, mesmo que seus gritos sejam ignorados e que seja pedido para que ela pare. Para os colonizadores, Nwamgba também não teria voz, já que era considerada uma selvagem e não sabia falar a língua do colonizador, como exposto pelo padre Shanahan ao observar a

obstinação da personagem: “[...] havia muito potencial a ser explorado se sua selvageria pudesse ser amansada.” (ADICHIE, 2017, p. 223).

Como forma de conseguir ser ouvida dentro do seu clã e recuperar as terras da família, Nwamgba, após ouvir histórias sobre tráfico negreiro e o tribunal que os brancos haviam construído em um clã próximo ao dela, decidiu que seu filho Anikwenwa aprenderia a língua inglesa bem o suficiente para recuperar o que era deles. Durante o período em que estudou na escola católica, Anikwenwa conseguiu levar para casa papéis que comprovavam que a terra era deles, recuperando-as. Aqui, Anikwenwa, apesar de negro e subalterno como a mãe, é um homem, o que, no sistema patriarcal, lhe dá mais poder diante dos colonizadores e do clã. Contudo, após conviver com o cristianismo, Anikwenwa também se torna uma figura que silencia Nwamgba por começar a propagar a cultura do colonizador e desprezar a cultura da mãe, a qual ele, há pouco, também pertencia. Nesse cenário em que Anikwenwa é inserido no cristianismo ocidental, Adichie coloca a protagonista em uma área de solidão, já que vê o afastamento de seu filho e não consegue mais se identificar com ele. Pode-se ver, nesse caso, uma representação da *separação* descrita no *trauma clássico*, já que mãe e filho são separados socialmente pela diferença cultural criada pelo colonialismo, privando o Anikwenwa de ter uma boa relação com a mãe.

Assim como Maria do Rosário reconheceu que não era ouvida – “Tendo, com o passar dos anos, aprendido a controlar minhas emoções, fiz, contudo, silêncio.” (EVARISTO, 2016, p. 49). –, Nwamgba, apesar de obstinada, a partir das atitudes silenciadoras e controladoras do filho e de sua tentativa constante de catequizar a mãe e o clã – comportamento derivado da colonização sofrida –, resguardava-se em seu silêncio: “[...] mas Nwamgba suportou-a em silêncio e disse a si mesma que logo ia morrer e se unir a Obierika, libertando-se de um mundo que cada vez fazia menos sentido.” (ADICHIE, 2017, p. 227). Em outras passagens como “Nwamgba não disse nada quando Anikwenwa anunciou que tinha recebido o posto de catequista na nova missão.” (ADICHIE, 2017, p. 226) e “[...] Nwamgba fazia desenhos na cerâmica em silêncio enquanto Mgbeke chorava” (ADICHIE, 2017, p. 227), Adichie, assim como Evaristo evidencia o silêncio de Maria do Rosário, deixa clara sua intenção de mostrar como a protagonista se viu diante da *máscara do silenciamento* e compreendeu que o filho e sua família não habitavam mais a mesma realidade que ela e, dessa forma, seu silêncio mostrava que, por mais que não estivesse de acordo com a vida religiosa que levavam, não adiantava usar suas palavras para não ser ouvida.

Logo, após o que foi exposto, é possível reparar como a figura simbólica *máscara do silenciamento* agiu em ambos os contos, animalizando e impossibilitando as personagens de

falar, sendo sempre mantidas em posição de submissão e inferioridade. Kilomba, ainda na discussão sobre a (não) voz da subalterna, afirma que: “[...] a subalterna não pode, de fato, falar. Ela está sempre confinada à posição de marginalidade e silêncio que o pós-colonialismo prescreve.” (Kilomba, 2019, p.47).

2.4.2 O catolicismo e o apagamento cultural através da linguagem

A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que ela cria, constitui uma relação de segurança a mais certa e a mais sólida para o povo. É a razão pela qual cada povo faz esforço para conhecer sua verdadeira história e transmiti-la às futuras gerações. Também é a razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica eram uma das estratégias utilizadas pela escravidão e pela colonização para destruir a memória coletiva dos escravizados e colonizados (MUNANGA, 2020, p.12)

A presença do catolicismo é muito forte nos contos. Por mais que de formas diferentes, as autoras conseguiram mostrar como a religião cristã é uma forte herança do período colonial, tanto nos países africanos que foram colonizados quanto na diáspora. Além disso, Munanga (2020) afirma que as missões cristãs foram muito importantes nos processos europeus de colonização, já que “eram encarregadas da educação dos colonizados, da conversão de suas almas e de seu encaminhamento progressivo ao universo do dominador.” (MUNANGA, 2020, p.23).

No conto de Conceição Evaristo analisado, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, a protagonista dizia que de santa não tinha nada, e que “Esse nome de santa mulher foi invenção do catolicismo exagerado da minha família.” (EVARISTO, 2016, p. 43), expressando a influência que a Igreja Católica tinha em sua família, uma forma sutil de iniciar a história da personagem que reviveria o *trauma colonial* através de um dos maiores símbolos da colonialidade, a fé católica. Maria do Rosário tem fé na Santa Maria, “que suportou ser a mãe do Salvador” (EVARISTO, 2016, p. 43) e, ao cachorrinho que ganhou de presente do casal, deu o nome de Jesuszinho, que em parte do conto, foi seu salvador. Aqui, é possível perceber a alusão à Maria ser mãe de Jesus, já que Maria do Rosário, sendo “Maria”, teve seu Jesus.

Evaristo (2009), afirma que, principalmente na literatura afro-brasileira, no campo religioso também há heranças africanas presentes, para além das religiões de matrizes africanas, como o Candomblé e a Umbanda, que “se atualizam como memórias não apagadas de uma fé ancestral”: o catolicismo exagerado apresentado no conto também tem ligação com fé reinventada pela africanidade brasileira.

E mesmo no Catolicismo, percebe-se que mitos cristãos como Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Santo Antônio de Categeró, Escrava Anastácia, dentre outros, foram apropriados pelos africanos escravizados e seus descendentes, tornando-se cúmplices e protetores do povo negro. (EVARISTO, 2009, p. 19)

Como dito anteriormente, a autora não abandona a personagem em meio a um nome inteiramente colonizador, ela acrescenta ao nome de Maria o nome “Rosário” – através de traços de sincretismo como forma de resistência –, derivado da Senhora do Rosário, protetora dos escravizados brasileiros. Esse nome escolhido por Evaristo é muito simbólico para o conto, já que a história de Maria do Rosário reencena o tráfico negreiro ocorrido no período colonial, sendo assim, é como se a autora abençoasse a personagem lhe dando a proteção da Senhora do Rosário.

Em “A historiadora obstinada”, a presença da igreja católica é decisória para o futuro da personagem principal, pois a partir do momento em que Nwamgba aceita colocar Anikwenwa na escola católica, seu filho é inserido na fé cristã e nos costumes do povo colonizador e afastado da cultura de seu povo. No primeiro contato da personagem com o cristianismo, Adichie, diferente do que é desenhado pelo imaginário europeu, descreveu como os nativos do clã não se viam inferiores aos estrangeiros, pelo contrário, os viam como pessoas que não sabiam das coisas:

Ele falou de seu deus, que viera ao mundo para morrer, e que tinha um filho, mas não tinha esposa, e que era três, mas também era um. Muitas pessoas que estavam perto de Nwamgba riram alto. Algumas foram embora, pois tinham imaginado que o homem branco era um grande sábio. Outras ficaram e ofereceram tigelas de água fresca. (ADICHIE, 2017, p. 219)

O cristianismo ganha força no conto enquanto Anikwenwa cresce dentro da doutrina católica e perde contato com a língua materna. O primeiro ato simbólico de apagamento da identidade igbo em Anikwenwa é seu batismo com um nome cristão, Michael, e a utilização das roupas que lhe foram dadas pelo padre. Nesse momento, a personagem principal não se dá conta do teor colonizador do ato, apenas quer que seu filho tenha contato com a língua estrangeira: “Para Nwamgba, o nome de seu filho sempre seria Anikwenwa; se eles, antes de ensiná-lo a falar sua língua, queriam chamá-lo de algo que ela não conseguiria pronunciar, ela não se importava nem um pouco.”(ADICHIE, 2017, p. 223). A partir desse momento, a personagem, com o tempo, vê a mudança de seu filho, que vai perdendo o brilho do olhar, negando os ritos do clã e se portando cada vez mais como o colonizador. Esse modo colonizador também foi descrito por Munanga no trecho: “A implantação europeia, como já foi dito, efetuou-se no plano psicológico, utilizando, entre outros recursos, a conversão do negro ao cristianismo.” (MUNANGA, 2020, p.33).

Com sua missão cristã, o poder da igreja não era somente o de ensinar o catolicismo, mas também de implantar a cultura e a língua do colonizador. Segundo Fanon,

Todo povo colonizado – isto é, todo povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local – se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana. (FANON, 2020, p. 32)

Logo, é possível perceber o caráter atemporal da linguagem, isto é, falar a língua do colonizador é conseguir atingir um novo patamar em que a escuta se torna uma possibilidade, mesmo que vaga. Em um certo momento do passado, houve a troca de “falar a língua do colonizador” por “falar como um branco”, já que a fala mais informal é sinônimo da margem, e a margem é habitada pelas pessoas de cor. Por isso, Fanon diz que, para o negro, quando há a possibilidade de fugir do analfabetismo, a língua que é ensinada é a do colonizador, “porque a materna, considerada inferior, não lhe permite interferir na vida social, nos guichês da administração, na burocracia, na magistratura, na tecnologia, etc.” (FANON, 2020, p. 33).

No conto de Adichie, a princípio, o filho saber falar a língua inglesa, por mais repugnante que parecesse aos ouvidos de Nwamgba, é motivo de orgulho e respeito. Entretanto, conforme os estudos de Michael foram avançando, “Nwamgba sabia que seu filho agora habitava um espaço mental que lhe era estranho.” (ADICHIE, 2017, p. 226). A partir de certo momento, não restava nada em Michael que fosse da cultura da mãe, ele e a esposa, ambos missionários da Igreja Católica, eram respeitados por todo o clã – mas não por Nwamgba –, pela maneira de se portar e por falar a língua estrangeira. Ou seja, aos poucos, a pessoa negra colonizada foi absorvendo tudo o que o colonizador apresentava, e sendo recompensada com respeito. Michael não aceitava mais a comida da mãe, pois na igreja havia aprendido que adorar a deuses pagãos era pecado, e assim passou para seus filhos. Em um certo momento do conto, Ayaju, amiga de Nwamgba, diz a ela que “um povo mandava no outro quando tinha armas melhores” (ADICHIE, 2017, p. 220) e, nesse caso, a linguagem também foi uma arma que levou a vitória.

Afamefuna, filha de Michael – já a terceira geração do conto – e batizada como Grace, é quem percebe como as histórias que eram contadas pela avó – herança através da oralidade – não condiziam com a maneira como os livros escritos pelos pesquisadores estrangeiros contavam a história de seus ancestrais. Além disso, Adichie também mostra como a tendência era que as pessoas de cor mais estudadas, ou seja, que tinham acesso à universidade, além de desprezar a história de seu país e valorizarem os estudos que tinham a ver com o estrangeiro, também se comportavam como o colonizador, usando roupas que se assemelham às deles, como se isso lhes tornasse civilizados:

[...] seu noivo, George Chikadibia – um homem cheio de estilo, formado na King’s College, de Lagos; um futuro engenheiro; usuário de ternos com colete; especialista em dança de salão que com frequência dizia que uma escola secundária sem latim entre as disciplinas era como uma xícara de chá sem açúcar –, soube que o casamento não ia durar quando ele disse que ela estava errada em escrever sobre cultura primitiva em vez de sobre um tópico relevante, como alianças africanas em meio à tensão americano-soviética. (ADICHIE, 2017, p. 232)

Munanga reflete sobre como os povos diaspóricos têm em comum o fato de terem vivido o que se denomina uma das “piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas.” (MUNANGA, 2020, p.19). E, em consonância com o que foi dito pelo antropólogo, Fanon também reflete sobre como aos povos negros foi privada a cultura, civilização e, principalmente, sua história, através desse apagamento planejado.

Já no conto de Evaristo, Maria do Rosário recupera a possibilidade de comunicação – ser ouvida – quando lhe é ensinado a ler. Mais próximo do apresentado por Fanon sobre a fuga do analfabetismo através do ensino da língua do colonizador, à Maria foi permitido aprender a ler, por mais que ela já tivesse iniciado sua vida escolar quando foi raptada. A escrita foi ensinada a Maria do Rosário como compensação por seu bom comportamento, ou seja, como sua subalternidade é bem vista e recompensada pelo casal. Porém, Maria do Rosário fez da escrita sua carta de alforria – a escrita como forma de reconstituir o passado – e, aos poucos, foi se libertando das amarras do trauma, ou seja, saber escrever lhe permitia acessar outros lugares e ela aproveitaria o caminho para voltar a Flor de Mim. Inclusive, foi através dos estudos que Maria do Rosário foi voltando para sua cidade, já que foi confessado pela personagem que apenas os estudos a mantiveram viva naquele momento de sua história. “E foi na ambiência dos estudos que surgiu minha salvação, a partir de um ciclo de palestras sobre ‘Crianças desaparecidas’.” (EVARISTO, 2016, p. 52).

2.4.3 A troca do Navio pelo Jipe

O Navio negreiro é um dos maiores símbolos da colonialidade, pois foi um meio de transportar, assassinar e apagar a subjetividade das pessoas negras, subalternizado-as e transformando-as em coisas. O tráfico negreiro, como bem cita Kilomba (2019), foi único na história, apesar de não ser a única história de escravização existente, “o Tráfico Nегreiro foi único do povo africano, pois, pela primeira vez na história, seres humanos se tornaram artigos de comércio: ao longo de séculos, eles podiam ser comprados, vendidos e substituídos (Reed-Anderson, 2000; Oguntoye, 1997)”(KILOMBA, 2019, p. 206).

O conto de Conceição Evaristo gira em torno do acontecimento traumático do sequestro de Maria do Rosário aos sete anos de idade. Nesse conto, a autora não esconde sua intenção de apresentar ao leitor um tema ainda muito persistente: a reencenação do tráfico negreiro através do sequestro de crianças negras como reflexo do racismo estrutural e da colonização. Como uma maneira de marcar a repetição do passado no presente, a autora apresenta o primeiro medo real da personagem:

E quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo o que, muitas vezes, escutei os mais velhos contar. As histórias de escravidão da minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava. (EVARISTO, 2016, p. 46)

O conto de Adichie, entretanto, apresenta o tráfico negreiro através dos olhos de um homem chamado Iroegbunam, que foi raptado quando criança e, assim como Maria do Rosário, só retornou “aos seus” quando já era um homem adulto. Apesar de não ser a temática principal do conto, a autora mostra que, ainda assim, por ser uma realidade possível para os personagens que ele foca, a história de Iroegbunam foi essencial para a escolha de Nwamgba de colocar seu único filho para aprender a língua do homem branco. “A história de Iroegbunam assombrou Nwamgba, porque ela teve certeza de que seria do mesmo jeito que os primos de Obierika tentariam se livrar de seu filho.” (ADICHIE, 2017, p. 221).

Grada Kilomba argumenta que existe um trauma cultural proveniente do desmembramento dos povos africanos, já que foi um acontecimento que “afetou tragicamente não apenas aquelas e aqueles que ficaram para trás e sobreviveram à captura, mas sobretudo aquelas e aqueles que foram levadas/os para o exterior e escravizadas/os.” (KILOMBA, 2019, p. 207). Assim, a história narrada por Iroegbunam se assemelha a muitas outras ocorridas na diáspora negra:

[...] um vizinho, com quem seu pai muitas vezes discutia nas reuniões da aldeia, o raptara quando sua mãe estava no mercado e o levava para os mercadores de escravos de Aro, que o examinaram e reclamaram que a ferida em sua perna reduziria seu preço. Então ele e alguns outros foram amarrados pelas mãos, formando uma longa fila humana, e os homens bateram neles com um pedaço de pau e lhe mandaram andar mais depressa. Havia apenas uma mulher entre eles, Ela gritou até ficar rouca, dizendo aos raptos que eles não tinham coração, que seu espírito atormentaria a eles e a seus filhos, que ela sabia que seria vendida para o homem branco, e por acaso eles não sabiam que a escravidão do branco era muito diferente, que as pessoas eram tratadas como bodes, que eram levadas em navios para muito longe e que, após algum tempo, eram comidas? Iroegbunam andou, andou e andou, com os pés sangrando, o corpo dormente, bebendo apenas um pouco de água que era derramado em sua boca de vez em quando, até que ele se esqueceu de tudo, a não ser do cheiro da poeira. Finalmente, eles pararam num clã no litoral, onde um homem falava igbo quase incompreensível, mas Iroegbunam conseguiu entender que o outro homem, aquele que iria vender os capturados para os brancos do navio, tinha ido lá para barganhar, mas acabara ele próprio sendo raptado. (ADICHIE, 2017, p. 221)

Embora o destino de Iroegbunam tenha tomado um rumo diferente da maioria dos negros traficados, por ter sido comprado e criado por um missionário branco que comprava negros escravizados apenas para libertá-los, sua separação da família, de sua aldeia e sua cultura ainda ocorreu, figurando o *trauma individual* que representa o *trauma colonial*. Sua vida foi drasticamente modificada pelas crenças e “poder” daquele que se acha superior e dono daqueles que considera inferior.

Não muito diferente, a maneira como Maria do Rosário foi surpreendida pelo sequestro se deu pois, diferente das histórias contadas pelos mais velhos sobre o passado escravocrata em sua infância, até aquele momento, nunca havia ouvido falar sobre roubo de crianças e, partir do momento em que se deu conta do ocorrido, a personagem se viu rodeada pelo passado “dos seus”. Assim como o Iroegbunam “andou, andou e andou” (ADICHIE, 2017, p. 221), o jipe “foi ganhando distância, distância, distância...” (EVARISTO, 2016, p. 45) Sua relação com seus sequestradores se assemelha a do colonizador-colonizado, ou senhor-escravizado, pois todo o cenário que se segue após o seu sequestro revela a relação colonialista: “Durante anos, vivi com o casal que me roubou da minha família, em uma casa grande, que parecia uma fazenda.” (EVARISTO, 2016, p. 46).

Assim como uma das entrevistadas da tese de Grada Kilomba (2019) é transportada para um outro momento da história e tratada como se estivesse há séculos distante do presente – “O homem transformou nossa relação médico/paciente em uma relação senhor/servente: de paciente eu me tornei a servente *negra*, assim como ele passou de médico a um senhor *branco* simbólico, uma construção dupla, ambas fora e dentro.” (KILOMBA, 2019, p.93) –, Maria do Rosário também é transportada para um passado colonial quando é raptada por um casal branco. Em alguns momentos, ela diz sentir-se movendo em águas, novamente uma clara alusão ao navio negreiro e à atemporalidade do *trauma colonial*. Na versão modificada do dia em que foi roubada, a personagem se vê claramente em um cenário passado, mas, de alguma forma, representante do presente: “Na versão modificada, eu-menina era jogada no porão de um navio, pelo casal que tinha me roubado de casa.” (p.52)

Em seus estudos sobre a diáspora negra, Gilroy afirma que:

Deve-se enfatizar que os navios eram os meios vivos pelos quais se uniam os pontos naquele mundo atlântico. Eles eram elementos móveis que representavam os espaços de mudança entre os lugares fixos que eles conectavam. Consequentemente, precisam ser pensados como unidades culturais e políticas em lugar de incorporações abstratas do comércio triangular. (GILROY, 2012, p. 60)

Além de dizer que “Os navios também nos reportam à *Middle Passage*, à micropolítica semilebrada do tráfico de escravos e sua relação tanto com a industrialização quanto com a

modernização.” (GILROY, 2012, p. 60-61). Ou seja, a presença do navio negreiro, assim como também citado por Kilomba (2019) era uma forma de comercializar nativos africanos que, como os caracterizava como mercadoria, interferiu na sociedade colonialista e pós-colonialista.

2.4.4 O reencontro com o eu através dos nomes

Em um primeiro momento, é importante relembrar o uso do termo “Outras/os” nos trabalhos de Fanon e Kilomba. A “Outridade” apresentada nesses trabalhos coloca a visão da pessoa branca diante da pessoa negra, em que, denotado do que é tido como normalidade, a pessoa branca aprisiona a pessoa negra na outridade, na anormalidade. Em seu trabalho, Kilomba explica muito bem o caráter outro que a pessoa branca impõe até os dias atuais, mostrando a atemporalidade das posições sociais: “A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os “*Outras/os*” raciais “diferem”. Nesse sentido, não se é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação.” (KILOMBA, 2019, p.75).

Contudo, a “Outra/o” nos contos “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” e “A historiadora obstinada” é o estrangeiro, ou seja, as autoras invertem os papéis e colocam o sujeito branco na “Outridade”. O casal era diferente “de mim e dos meus”, tanto que em um primeiro momento foram configurados como estrangeiros, que de nada tinham de semelhante aos que viviam com Maria do Rosário. E não muito diferente, para Nwamgba, a “Outra/o” também era o estrangeiro, isso é notório na passagem em que se fala sobre a sabedoria de Ayaju: “[...] fora ela quem primeiro falou sobre os homens de pele branca que haviam chegado a Onicha com espelhos, tecidos e as maiores armas que qualquer pessoa daquelas passagens já vira.” (ADICHIE, 2017, p.215).

Em seu trabalho, a partir da reflexão sobre a negritude na atualidade, Munanga (2020) diz que a negritude não está apenas no fato de se possuir a pele negra e sim que “A *negritude* e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros.” (MUNANGA, 2020, p. 19). E, assim, apresentar o reencontro das personagens com sua família e/ou sua ancestralidade ainda é uma maneira de lidar com a atemporalidade que o *trauma colonial* impôs.

Assim como o capítulo “Descolonizando o Eu” do livro de Kilomba (2019), Evaristo e Adichie terminam seus contos com a simbólica descolonização das personagens Maria do

Rosário e Afamefunu. Como um importante processo de reencontro com a ancestralidade e, consequentemente com a consciência de si e de pertencimento, as autoras trouxeram em seus contos nomes que representavam esse regresso, essa reinvenção, salvação do *eu*, ou seja, a recuperação da subjetividade. Contudo, é possível notar que, enquanto Evaristo deixa os significados dos nomes subentendidos, Adichie faz questão de explicar o significado dos nomes que a protagonista dá a seu filho e seus netos, colocando-os explícitos no conto.

Em “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, Conceição Evaristo nomeia a cidade natal da protagonista de Flor de Mim, um nome que remete ao interior da própria protagonista, e que murcha dentro de Maria do Rosário toda vez que ela se vê distante “dos seus” e de suas origens:

Um temor me perseguia. Será que a cidade Flor de Mim ainda existia? Será que os meus ainda existiam? Será que, se eu chegasse por lá, eles ainda me reconheceriam como sendo uma pessoa da família? O tempo passando e Flor de Mim parecendo murchar em meus desejos. (EVARISTO, 2016, p. 51)

Ao longo do conto, a personagem vai recuperando sua coragem e consciência de si. Assim, ao final, após ter passado por todo o processo de reencenação do colonialismo e pela luta para reconectar-se consigo mesma, Maria do Rosário se encontra com “os seus” e com seu *eu*: “E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre.” (EVARISTO, 2016, p. 54).

Enquanto isso, Adichie escolheu para Grace – nome de batismo escolhido pelo padre O’Donnell e utilizado por seus pais, mas nunca pela avó – o nome Afamefunu, que significa “Meu nome não se perderá” e foi escolhido por sua avó Nwamgba. O significado do nome de Afamefunu tem uma representação muito forte no conto da autora pois, como citado anteriormente, a personagem representa uma reescritura da história do seu povo, como se a avó tivesse visto nela que, em seu futuro, a neta não deixaria morrer as histórias, as poesias, a cultura e também a ela mesma. A escolha da personagem para ser a historiadora obstinada do conto também supõe esse teor de sair da subalternidade e dar voz ao seu povo, principalmente à sua avó. Gilroy reflete sobre a importância desse contar histórico para a memória social na diáspora:

O contar e recontar dessas histórias desempenha um papel especial, organizando socialmente a consciência do grupo “racial” e afetando o importante equilíbrio entre atividade interna e externa - as diferentes práticas, cognitivas, habituais e performativas, necessárias para inventar, manter e renovar a identidade.” (GILROY, 2012, p. 370)

Adichie inicia os parágrafos finais do conto com “Foi Grace quem ...” para criar um contraste entre a colonização – Grace é o nome de batismo de Afamefunu – e as ações feitas por ela ao longo de sua jornada, que representam o resgate da história da personagem e seu

povo e seu reencontro com sua subjetividade – mudar definitivamente seu nome para Afamefuna.

Foi Grace quem, cercada por seus prêmios, seus amigos, seu jardim de rosas inigualáveis, mas sentindo-se, sem saber explicar bem por que, distante de suas raízes no fim da vida, foi ao cartório em Lagos mudar oficialmente seu primeiro nome para Afamefuna. (ADICHIE, 2017, p. 232)

Ademais da busca pela história de seu povo, Grace não se sentia completa porque seu nome não representava o que ela era, não trazia suas origens e, como uma forma de se livrar da última coisa que ainda a “prendia” à representação da colonização, Grace mudou seu nome oficialmente para Afamefuna, finalizando o resgate do seu *eu*.

Com isso, tanto Maria do Rosário quanto Afamefuna, ao final de seus respectivos contos, conquistam a voz que tinha sido silenciada através dos processos colonialistas que vivenciaram, além de passarem por uma autorreflexão sobre si até se encontrarem no resgate *dos seus*, vivendo sua existência e, acima de tudo, presença. Por fim, Kilomba (2019) diz:

Nesse sentido, o *sujeito negro* inicia uma série de identificações consecutivas com outras pessoas *negras*: sua(s) história(s), suas biografias, suas experiências, seus conhecimentos, etc.[...] Em vez de se identificar com a/o “*outra/o*” *branca/o*, desenvolve-se uma identificação positiva com sua própria *negritude*, o que por sua vez, leva a um sentimento de segurança interior e de autorreconhecimento.” (KILOMBA, 2017, p. 237)

3. Conclusão

A partir da leitura dos contos “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, de Conceição Evaristo, e “A historiadora obstinada”, de Chimamanda Ngozi Adichie, foi possível apresentar o caráter atemporal do racismo nas literaturas através de conceitos como *trauma colonial*, colonialidade, racismo cotidiano, silenciamento da subalternizada, etc. Com o conto de Evaristo em um cenário contemporâneo e o de Adichie em um passado colonial e pós-colonial do sul da Nigéria, as autoras expuseram como as consequências do período colonial criam um ambiente em que a pessoa de cor vive em um cenário atemporal, em que o *trauma colonial* é revisitado no presente como se estivesse no passado.

Maria do Rosário, personagem principal do conto de Evaristo, revive o passado colonial através de seu rapto por um casal estrangeiro – que posteriormente é revelado ser um casal do sul do Brasil –, que a tirou “dos seus” e de sua cidade, Flor de Mim. Durante o desmembramento do conto, é possível visualizar como o *trauma pessoal* representa o *trauma colonial* atemporal que envolve o colonialismo, a África e a diáspora negra. E, principalmente, o simbolismo do navio negreiro através do jipe utilizado para transportar Maria do Rosário até a região onde seria subalternizada.

Já Nwamgba e Afamefuna são as personagens do conto de Adichie e dotadas do adjetivo “obstinada”, que por muitas vezes aparece no conto. Assim como o conto de Evaristo, a trajetória da protagonista Nwamgba apresenta o silenciamento da subalterna, o cristianismo como forma de dominação cultural e linguístico a partir do momento em que a língua estrangeira é provedora de ascensão social e respeito. Enquanto isso, a trajetória da personagem Afamefuna representa o reencontro com a ancestralidade e a cultura herdada por sua avó, e também com o reconhecimento do próprio eu.

Por fim, assim como o capítulo final do livro de Kilomba (2019) “Descolonizando o Eu”, as autoras finalizam seus contos com a descolonização das personagens através do resgate ancestral e redescoberta das suas subjetividades. Maria do Rosário tem seu retorno a Flor de Mim, após seu longo período de reconexão com sua subjetividade, que lentamente a encaminhou de volta “aos seus”. Afamefuna teve seu despertar após perceber que não se reconhecia nas histórias contadas pelos livros escritos pelos colonizadores, dedicando-se, dessa forma, à investigação acadêmica das histórias do sul da Nigéria, escrevendo o livro *Pacificando com balas; uma história recuperada do sul da Nigéria*. Sendo assim, a literatura das autoras mostra como a atemporalidade do *trauma colonial* afeta diretamente o reconhecimento como ser singular e pertencente pela pessoa negra até na contemporaneidade.

4. Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. 1ª Edição. São Paulo: Companhia de Letras, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. 11ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIMA, Fátima. **Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: os estudos da subjetividade na encruzilhada**. *Arq. bras. psicol.* [online]. 2020, vol.72, n.spe, pp. 80-93. ISSN 1809-5267. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72s1p.80-93>. Acesso em: 19 de Março de 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

ZAHAR, Renate. **Colonialismo e alienação: contribuição para a teoria política de Frantz Fanon**. Lisboa: Ulmeiro, 1976.